

Vozes de um adeus: o *Tchau* de Lygia Bojunga

Adriana Araldo
Mestre em Letras/USP

Resumo:

Este artigo pretende analisar, com base em ideias sobre o dialogismo de Bakhtin, as vozes discursivas existentes no conto *Tchau* de Lygia Bojunga e demonstrar que essa polifonia encontra-se intimamente relacionada à representação dos conflitos da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Literatura Infantil e Juvenil, sociedade, valores culturais, vozes discursivas, dialogismo.

Abstract:

This article intends to analyse, based on Bakhtin's dialogism, the discursive voices that are included in Lygia Bojunga's tale *Tchau* and show that this polyphony is closely related to the representation of contemporary society's conflicts.

Key- words: Children's and Youth Literature, society, cultural values, discursive voices, dialogism.

Introdução

A Literatura Infantil e Juvenil Contemporânea apresenta como uma de suas grandes preocupações a representação de um universo capaz de provocar em seus leitores o desenvolvimento do pensamento crítico. Unindo pensamento crítico e cuidado estético, a Literatura Infantil e Juvenil experimenta um momento de grande riqueza, convivendo em harmonia com outras formas de expressão, com novas linguagens, dialogando com outros tipos de textos, apresentando conflito de vozes, exigindo maior participação do leitor na construção da narrativa.

Estabelecendo conexões entre Literatura Infantil e Juvenil e sociedade, este trabalho vem, por meio da narrativa densa de Lygia Bojunga, ouvir as vozes representativas de uma sociedade atualíssima e fragmentada, habitada por indivíduos que apresentam choques de ideias, discordâncias de interesses, num mundo marcado pela relatividade dos valores, pela falta de sentido de permanência de todas as coisas, pela desconfiança nas instituições, pela superficialidade das relações humanas. Uma sociedade capitalista que, segundo Bakhtin, “criou as condições para um tipo de consciência permanentemente solitária” (2010, p.342), tornando o homem desadaptado de seu universo, no qual tudo o que é novo já chega velho e pronto para ser substituído por indivíduos constantemente insatisfeitos.

As vozes de um adeus

Em seu conto *Tchau*, Lygia Bojunga apresenta aos jovens leitores o drama de uma família que vivencia a separação e os sentimentos decorrentes desse conflito: descontentamento, medo, insegurança, angústia, solidão, o sentimento de culpa, o desejo de perdão.

No centro da família está Rebeca, uma menina de 10 anos, a quem a mãe confia o fim de seu casamento, a paixão por outro homem e o desejo de mudar-se com ele para outro país.

Numa linguagem simples, o conto ganha expressividade e densidade à medida que desnuda os sentimentos que envolvem o estilhaçamento da família. Estilhaçamento que vem representado por meio de símbolos e imagens que dão profundidade à narrativa de raiz psicológica.

Os símbolos, decodificados, revelam a família contemporânea, a chamada *célula mater* da sociedade, como uma instituição decadente. Os pais vivem um casamento de aparência, no qual imperam a mentira, a infidelidade e a deslealdade. O casal finge que é feliz, quando, na verdade, constitui uma família fragmentada, triste e de indivíduos solitários. Pai e Mãe não são nomeados, são representantes da sociedade contemporânea, de uma família em crise conjugal, em choque de valores.

O Pai reproduz os ideais tradicionais e desacreditados da sociedade. É o representante do discurso conservador na sociedade. É a voz da tradição, dos costumes sociais. Insiste na manutenção do casamento mesmo sabendo que este chegara ao fim: “E eu gosto tanto dela! Agora então que ela vai me deixar parece até que eu gosto mais” (BOJUNGA, 2008, p. 31). Sente-se perdido e incapaz ante a responsabilidade imposta de arcar sozinho com a educação das crianças: “Você tá chorando por quê? Quem tem que chorar sou eu e não você. Não sou que tô abandonando a minha família, é você; não sou eu que tô deixando meus filhos pra lá: é você” (BOJUNGA, 2008, p. 28). Rebaixa-se, rende-se às bebidas, contrariando a imagem de Pai, construída pelas tradições, como símbolo de sabedoria, força e heroísmo. Assim, expõe suas fraquezas que são as próprias fraquezas de uma instituição em declínio.

A Mãe, orientada por seus impulsos, representa o desequilíbrio entre os desejos extremos e ambivalentes de proteção e abandono, razão e emoção, entre o que se convencionou a chamar de certo e errado, num conflito moral. Enquanto a filha caminha “com os pés no chão”, firmes, deixando suas marcas na areia, a Mãe mantém fixo o seu olhar ausente no infinito, porque infinitos são seus sonhos e seu descontentamento:

Atravessaram a rua, tiraram o sapato, entraram na areia. E foram andando pela beira do mar.
Rebeca a toda hora olhava pra trás pra ver o caminho que o pé ia marcando na areia.
E a Mãe olhando o mar e mais nada (BOJUNGA, 2008, p. 21).

A Mãe experimenta um sentimento intenso de solidão que advém da insatisfação com o aqui - agora. O seu olhar infinito para o mar, para o nada, representa o desejo de

distanciamento, da fuga da realidade e de transformação, como se o “ir e vir” das ondas pudesse trazer a felicidade de muito longe, de algum lugar, que ela quer acreditar existir: “E a Mãe olhando pro mar e mais nada. E a mãe olhando pro mar. Olhando. Até que no fim ela disse:- Rebeca, eu vou me separar do pai: não tá dando mais pra gente viver junto” (BOJUNGA, 2008, p. 22). Essa angústia vem simbolizada pela sensação de vazio que habita o seu interior: “Não sei; quer dizer, eu sei; eu sei mais ou menos, essas coisas a gente nunca sabe direito, mas eu sei que fui me sentindo sozinha... vazia... vazia de amor” (BOJUNGA, 2008, p. 24). A mãe se sente em conflito entre as pulsões interiores e a moral social. Ela reconhece os valores da sociedade, mas não tem controle sobre seus impulsos decorrentes da paixão:

Se ele me diz vem te encontrar comigo, mesmo não querendo, eu vou; se ele fala que quer me abraçar, mesmo achando que eu não devo, eu deixo; tudo que eu faço de dia, cuidar de vocês, da casa, de tudo, eu faço feito dormindo: sempre sonhando com ele; e de noite eu fico acordada, só pensando, pensando nele (BOJUNGA, 2008, p.25).

A Mãe de *Tchau* vem a simbolizar a ruptura com a figura tradicional e burguesa de mãe protetora, dedicada e abnegada à família, representa o rompimento com os valores familiares de uma educação cristã que prega que *somente a morte pode separar o que Deus uniu*: “Ele me disse que vai voltar pra terra dele e me levar junto com ele, eu disse logo eu não vou! Sabendo tão bem aqui dentro que não querendo, não podendo, não devendo, é só ele me levar que eu vou” (BOJUNGA, 2008, p. 26). A Mãe traz em si a voz da individualidade e a voz que torna todos os discursos maleáveis em nome de um eu que quer descontroladamente ser ouvido. “Você não tá querendo entender: eu não tô deixando a Rebeca e o Donatelo: um dia eu volto pra buscar os dois (BOJUNGA, 2008, p. 28).” O Pai parece entender que *um dia* é o tempo eterno, o tempo representante da ausência de compromisso.

Rebeca, a filha, é a imagem da criança amadurecida. De uma infância que resiste, mas que vai se desfazendo para dar espaço ao entendimento do mundo complicado dos adultos. É a imagem que sobrevive entre as posições antagônicas dos pais: entre a tradição e o novo, entre a manutenção e a ruptura, entre a razão e a emoção. Criança que tem de resolver problemas familiares, que serve de apoio, que ouve, que se responsabiliza pela tarefa de unir o casal. A menina, em meio ao conflito instaurado, busca equilibrar o infantil e o adulto dentro de si, tendendo a um amadurecimento precoce. Rebeca, menina,

constrói castelos de areia, onde deposita seus sonhos de criança habitados por príncipes, princesas e fadas e suas necessidades naturais de proteção e segurança. De forma dolorida, provando não ser tão sólido, o castelo de areia e de sonhos da menina desaba após a Mãe lhe confessar a sua paixão por um estrangeiro: “Rebeca ficou olhando pro castelo todo desmanchado. Depois de um tempo. E ainda mais essa! Com tanto homem no Brasil” (BOJUNGA, 2008, p. 26). A menina quer saber se o que a Mãe sente é paixão. Algo que chega de forma avassaladora levando a própria mãe, a segurança, tudo.

Rebeca tem noção do esfacelamento da família, mas, prefere manter-se distante das discussões, como se nada tivesse acontecendo. Dissimuladamente brinca de desenhar no momento em que a Mãe prepara sua partida. Desenha um barco como todas as crianças costumam fazer. Um barco igual na forma, mas diferente no conteúdo. O barco de Rebeca parece pesado demais: leva seus sonhos para muito longe e carrega medo e insegurança. O barco é o símbolo da viagem, da travessia, de um percurso a ser concluído, o qual pode ser turbulento, dependendo do mar a ser enfrentado. O barco talvez navegue naquele mesmo mar para o qual a Mãe olhava tão fixamente. De tão pesado “quebra” no meio do caminho: a ponta do lápis não aguenta a pressão e a angústia da menina.

Viu tudo de rabo de olho e foi riscando forte, mais forte, mais tlá! A ponta do lápis quebrou outra vez.

A buzina do táxi toca chamando a Mãe, num sinal de confirmação da partida e do abandono.

Até que de repente a buzina do táxi tocou lá fora e a Mãe levantou num pulo de susto.

Rebeca também. E se virou. Ao mesmo tempo que a mãe se virava. E as duas se olharam com medo, e a Mãe correu e abraçou Rebeca com força, demorado, bem apertado, ai! Rebeca fechou o olho: que troço danado pra doer aquele abraço.

A Mãe largou a Rebeca, correu pra sala, abriu a porta (BOJUNGA, 2008, p 35).

Sendo merecedora do próprio nome, Rebeca, aquela que une, promete ao pai que não deixará a mãe partir. Toma para si essa missão e tenta impedir a partida da mãe numa batalha dolorida:

-Diz pra ele que não! Você não vai.

A mãe pegou a mala. Rebeca não largou.

A mãe puxou a mala. Rebeca puxou também.

A Mãe puxou mais forte. Rebeca ficou agarrada na mala.

O táxi buzinou de novo. As duas se olharam.

O olho da Mãe pedindo por favor. O olho da Rebeca também: *por favor* (BOJUNGA, 2008, p.37).

Mas Rebeca não consegue evitar a partida:

Querido pai,
Não deu para eu cumprir a promessa. A Mãe foi mesmo embora.
Mas a mala dela ficou. E eu acho que assim, sem mala, sem roupa para
trocar, sem escova de dente nem nada, não vai dar para a Mãe ficar
muito tempo sem voltar. (BOJUNGA, 2008, p.39).

A Mãe deixa a sua mala, as suas roupas, as coisas que a identificavam como Mãe de família e esposa para assumir uma nova identidade, de mulher, de indivíduo livre, capaz de fazer escolhas. A Mãe fica guardada dentro da mala. A mulher segue o seu caminho. O preço: a dor, a separação da família, o sentimento de perda, o sentimento de culpa. A Mãe, ainda sentindo o peso das tradições, deixa o lar sob o aprisionamento do sentimento de culpa e da insatisfação que acompanha o homem contemporâneo: “Por favor, Rebeca, me entende, me perdoa, me entende, eu tenho que ir, é mais forte que tudo” (BOJUNGA, 2008, p. 36).

Vozes em conflito

Histórias de abandono sempre chocam porque o ideal de família que habita o imaginário coletivo é o ideal de família burguesa de base cristã, tal qual se apresenta na publicidade, envolta por sentimentos de alegria, ternura, carinho.

Contudo, sabe-se que essa é uma imagem construída socialmente. O homem como ser social e construtor de símbolos, age sobre a natureza e a transforma. Por meio das práticas sociais, é capaz de criar linguagens, símbolos, valores, crenças, regras, visões de mundo. Construções mentais que são legitimadas e transmitidas em forma e saberes e tradições por meio de ações culturais, que buscam manter a identidade de um grupo e preservar seus costumes. Essas práticas sociais, transformadoras da natureza, dão origem a uma realidade paralela. Ou seja, paralelamente ao mundo natural, vive o homem, criador de símbolos, num mundo construído por ele mesmo, o mundo das regras, dos valores, das ideias, das tradições, da cultura. Cultura como um processo dinâmico e inconsciente de construção de sentidos que propicia ao homem reconhecer-se como pertencente a um grupo social, a um universo. Para Bakhtin, “ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*” (2010, p.341) A cultura cria seus símbolos e expressa a visão de mundo de uma sociedade de determinada época. Dessa forma, pensando habitar o mundo natural, o homem vive num

mundo construído por meio de convenções sociais. Convenções que passam a interferir na forma como o homem percebe o mundo. Assim, com os olhos da sociedade e da cultura o homem vai captando a realidade, numa relação dialógica.

A cultura apresenta, então, ação ambivalente: se por um lado liberta o homem de sua condição primitiva, por outro, o torna prisioneiro em sua teia de sentidos fabricados. Este é o ponto gerador de conflito a ser estudado neste trabalho por meio da Literatura Infantil e Juvenil: o homem ao ser deslocado de seu mundo natural não se encontra plenamente satisfeito num mundo paralelo e fabricado. Encontra-se em permanente conflito entre seus impulsos naturais e as regras sociais, gerando crises de adaptação. Sobre isso, Terry Eagleton diz que “a cultura e a natureza, o semiótico e o somático, encontram um ao outro apenas em conflito: o corpo nunca está inteiramente à vontade na ordem simbólica e jamais se recuperará inteiramente de sua inserção traumática nela” (EAGLETON, 2005, p.155).

É esse mundo de conflitos que o conto *Tchau* de Lygia representa. Conflitos que são representados por um discurso polifônico, pois, para Bakhtin, somente o discurso polifônico pode dar conta de representar uma sociedade composta por vozes divergentes e diferentes pontos de vista.

Paulo Bezerra comentando o pensamento de Bakhtin explica que

Para a representação literária, a passagem do monologismo para o dialogismo, que tem na polifonia sua forma suprema, equivale à libertação do indivíduo, que de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência. No enfoque polifônico, a autoconsciência da personagem é o traço dominante na construção de sua imagem, e isso pressupõe uma *posição radicalmente nova do autor* na representação da personagem (2008, p. 193).

Na narrativa, observa-se a presença de um autor-criador que oferece autonomia às personagens. Suas personagens são sujeitos de seus próprios discursos, não sendo manipuladas pelo autor, apresentando, assim, diferentes pontos de vista. Não está interessado em moldar suas personagens, entende cada personagem como um sujeito que deve usufruir de sua liberdade. A divergência de consciências e de vozes acarreta a polifonia do texto. Esse fato contribui para fazer com que as personagens sejam

construídas ao longo da narrativa, numa relação dialógica e o texto permaneça aberto e imerso numa ambiguidade.

Em Tchou, a polifonia é representada pela voz do autor-criador que mantém certa distância de suas personagens para que essas possam desenvolver a autonomia. A *voz do Pai*, voz tradicional, conservadora e revestida de uma imposição decadente. A voz da Mãe: voz dos valores relativos, da individualidade, da desobediência às convenções, às regras e à moral cristã. A voz de Rebeca: uma voz que busca o entendimento, a voz que faz perguntas, a voz que fica sem respostas: “Isso é que é paixão? - Rebeca acabou perguntando. A Mãe meio que sacudiu o ombro” (BOJUNGA, 2008, p. 26).

Considerações finais

O conto é um reflexo da sociedade contemporânea. Sob a forma de símbolos e imagens estão presentes na narrativa as situações típicas enfrentadas pelo homem de hoje: o descrédito nas instituições, a insegurança, a mentira das relações, os valores flutuantes, o abandono da razão, o questionamento de todas as coisas acompanhado de todas as incertezas cabíveis, o medo, a necessidade de mudança, das transformações muito rápidas sem dar tempo às adaptações, o acúmulo de papéis sociais, a busca pela identidade, pela liberdade e a possibilidade das escolhas, a insatisfação que domina o homem, a fragmentação do indivíduo.

Tchau é uma interjeição de despedida. Como interjeição, vem carregada de emoção e sentimento, resumindo a própria narrativa sobre o *abandono*, que pode ser interpretado a partir do jogo polifônico como o afastamento dos valores tradicionais, o distanciamento de uma moral tradicional e cristã e o descrédito nas instituições. O texto é provocativo porque busca fazer pensar. Pensar sobre o papel da cultura e dos valores na sociedade e o peso que exercem sobre o indivíduo. Pensar sobre a dificuldade de encontrar um ponto de equilíbrio entre as pulsões interiores e as expectativas sociais e culturais que dão forma à visão de mundo. Visão de mundo expressa em discursos repletos de palavras alheias, palavras reproduzidas, palavras que constituem o eu, o outro, o nós, uma vez que “a consciência é sempre plural” (BAKHTIN, 2010, p.342) e “ a vida dialógica por natureza” (BAKHTIN, 2010, p.348). Tchou, como narrativa estética, apresenta um

discurso carregado de vozes que se opõem, que querem ser ouvidas e servir como reflexão.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5ªed. Tradução do russo: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4ªed. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p., 191-200.

BOJUNGA, Lygia. **Tchau**. 18ªed. Rio de Janeiro: Editora Casa Lygia Bojunga, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.